

Escola Militar de Electrónica

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos

Comemora-se este ano o 40º aniversário da **Escola Militar de Electromecânica** (EMEL), instalada em Paço d'Arcos. Por ali passaram 35 mil instrutores e alunos. Destes a maioria adquiriu um ofício para a vida civil, aproveitando a tradição do exército como «escola da nação», mas numa sucessiva adaptação aos tempos modernos pela electrónica.

Quando a Escola nasceu, o paradigma tecnológico da época assentava muito na electricidade e na mecânica. Daí a designação de Electromecânica. Hoje, a mecânica saiu do quadro das preocupações. Até os electricistas auto são agora formados no Entroncamento. A EMEL concentra o seu esforço na electrónica e comunicações. Por isso, bem se poderia mudar (actualizar) o seu nome para **Escola Militar de Electrónica**, mais ao sabor dos tempos modernos e portanto com superior impacto societal.

A ocasião parece oportuna, pois as transformações que estão a ocorrer no âmbito das Forças Armadas tocam logicamente a EMEL. Um novo estatuto está para ser promulgado, definindo uma estrutura mais flexível, menos hierarquizada, com possibilidade de estabelecer melhores ligações à sociedade civil, entrando no processo liberalizante que emergiu nas infraestruturas, segundo a onda política que percorre a Europa baseada na sobrevivência pela competição através da qualidade e competência.

Em 1961, quando o serviço militar obrigatório nos levou a ensinar electrónica na EMEL, haviam fundamentalmente cursos de electricidade, rádio e radar. Naturalmente que o âmbito dos cursos evoluiu com o desenvolvimento tecnológico. Este ano anunciam-se cinco inovações para a instrução: microondas, fibras ópticas, comutação digital, automação e passagem dos microprocessadores de 8 bit para 16 bit.

Os laboratórios e salas didácti-

cas preenchem as áreas seguintes: máquinas eléctricas, microprocessadores, electrónica (analógica e digital), telecomando, electricidade, montagens e medidas, servomecanismos e automação, microsoldadura, frio e calor. Além das oficinas de mísseis e equipamento electrónico, electricidade, electrónica e instrumentação, reparações (de radares, etc) e frio.

Actualmente os técnicos de frio saem com certificado profissional, que muito os ajuda na actividade civil, quando deixarem as fileiras militares. Acontece até que ali se fazem exames do próprio Instituto de Emprego e Formação Profissional. É um exemplo excelente de interligação com as infraestruturas não-militares.

Mas as intenções de relacionamento são mais profundas. Pretende-se retomar o prestígio que a EMEL já desfrutou com a formação ali veiculada para a sociedade portuguesa. Desse prestígio podemos dar testemunho eloquente: o nosso melhor aluno de radar em 1961 viria a ser, dez anos mais tarde, o técnico mais competente que havia em Angola na manutenção dos equipamentos sonar dos barcos de pesca ali em actividade. O seu nível de proventos e o modo de vida eram de fazer inveja a qualquer docente universitário, mesmo na simplicidade do seu comportamento em profissão livre.

Será importante que a nova Escola, consequente da reforma em gestação, consiga mostrar à sociedade a sua importância na formação profissional dos técnicos de electrónica, tanto em comunicações como em automação. De facto, corresponde a uma infraestrutura de formação que perdurará para além dos actuais incentivos comunitários, canalizados pelo FSE (Fundo Social Europeu) para as empresas de formação profissional. Por outro lado, a EMEL foi uma precursora das escolas industriais, donde saíram impulsos para outras instituições civis, como o CINEL e a Escola Fonseca Benevides, centradas na formação em electrónica. Manter os impulsos original, dentro de um quadro moderno e

dinâmico, será uma obrigação da instituição militar. Porque os casos de sucesso devem ser incentivados.

É neste sentido de abertura e modernidade que se pretende estabelecer protocolos com outras instituições de ensino ou não, militares ou civis, nacionais ou estrangeiras. Assim se procura dar a dimensão autónoma à nova Escola. «Actualmente já se cobrem 50% dos encargos com fundos privados» - faz questão de acentuar o comandante Coronel Cruzeta Martins. E acrescenta: «Se não houver capacidade na Escola para fazermos bom ensino vamos à sociedade civil buscar os docentes mais capazes».

Neste ano zero da nova Escola já há mulheres militares (13 cabos) e estão a ser feitas novas obras. A capacidade de instruendos atinge cinco centenas. Novos cursos vão arrançar em Agosto, para o Exército e Força Aérea. Também as Forças de Segurança podem aproveitar as instalações de ensino. Os PALOPs têm igualmente oportunidade de beneficiar dos cursos praticados, satisfazendo várias solicitações, aliás já apresentadas. A abertura estende-se ainda a empresas privadas ou semi-privadas, como aconteceu no passado.

É neste ambiente de renovação que o Director de Instrução no tempo em que passamos pela EMEL, Eng. Morazzo, fecha eloquentemente o seu discurso de comemoração: «Comparado com 40 anos da história da electrónica a EMEL contribuiu muito para o desenvolvimento do País. Os que passaram por esta Escola são hoje dignos representantes da indústria. Até professores catedráticos têm orgulho dessa passagem. Sempre se produziu trabalho com juros positivos. E tantos elementos válidos aprenderam aqui a cartilha da electrónica.»

Eis uma instituição de ensino da electrónica aos 40 anos de idade, revitalizada no presente para o futuro. ■